APRENDIZAGEM MEDIADA NO TRATAMENTO DE DEPENDENTES QUÍMICOS EM COMUNIDADE TERAPÊUTICA

Este artigo tem por objetivo apresentar os Critérios da Experiência de Aprendizagem Mediada – EAM, de Reuven Feuerstein, como suporte pedagógico ao profissional e colaborador no tratamento de dependentes químicos em comunidade terapêutica.

Palavras-chave: dependente químico, comunidade terapêutica, mediação, aprendizagem mediada.

Osvaldo Christen Filho
Psicólogo clínico, especialista em Dependência Química e Comunidade Terapêutica pela Faculdade Luterana de Teologia e Cruz Azul no Brasil. Formado no curso de "Intervenção Cognitiva" de Reuven Feuerstein: "Programa de Enriquecimento Instrumental – PEI".

INTRODUÇÃO

Drogas desorganizadoras denunciam um tema angustiante para as pessoas, atingindo não somente seus usuários, mas, a sociedade como um todo. Os meios de comunicação trazem diariamente ocorrências nocivas do álcool e drogas no trânsito, na vida familiar e comunitária. Medo e insegurança ameaçam a população. Poderes públicos aparecem frequentemente realizando prisões de traficantes. Pior, o que se via em noticiários, com aparência distante, atinge um círculo cada vez menor e próximo a todos, tornando-se uma realidade assustadora.

Entre os diversos tipos de tratamento oferecidos, destaca-se, como

descrito mais adiante, um forte aliado aos serviços de atendimento - as Organizações Não Governamentais – ONGs. Sua participação no tratamento de dependentes químicos diferencia-se de outros modelos pela atenção psicossocial em comunidade terapêutica. Para dentro deste contexto serão analisados e articulados os Critérios da Aprendizagem Mediada – EAM de Reuven Feuerstein.

DEPENDÊNCIA QUÍMICA E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

A dependência de substâncias psicoativas (SPAs) encontra-se classificada no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-IV (2000, p.171-262) no capítulo de Transtornos Relacionados a Substâncias. Segundo este manual, (p.172):

> A característica essencial da Dependência de Substâncias é a presença de um agrupamento de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos indicando que o indivíduo continua utilizando uma substância, apesar de problemas significativos relacionados a ela.

Psicologicamente, é o resultado de um tipo de relação que o usuário estabelece com as drogas de sua preferência. É uma interação que ganha um espaço e prioridade significativos sobre os demais aspectos de vida humanos. De alguma maneira, SPAs trazem algum retorno ao indivíduo, assim entendidos "suportes" ou "auxílios" na realização de certas funções. Ex.: desinibição; ser alguém. É uma relação construída ao longo do tempo, inespecífica quanto ao biotipo, personalidade, sexo, status social, idade ou raça. Uma vez satisfeita uma necessidade, associada com o uso da drogas, o indivíduo passa a acreditar na lógica: "se usar – então me sairei bem (melhor)".

Decorrentes desse estado psicológico, alterações comportamentais são observáveis, especialmente quando a preocupação central do indivíduo se resumir em: qual droga usar, onde e como obtê-la. Esse é o meio tempo em que relacionamentos sociais afetivos, de trabalho, estudo e lazer ficam prejudicados. O usuário dependente experimenta ansiedade, raiva, insônia e outros sintomas enquanto busca novas doses. A capacidade de raciocínio fica como que refém da busca exclusiva da droga. O indivíduo experimenta o que se denomina de fissura (um forte impulso subjetivo para usar uma substância). Riscos pessoais e de outras pessoas nesses momentos de crise ficam suspensos; a antecipação de consequências fica anulada; valores morais e éticos perdem seu poder.

A dependência fisiológica que pode ou não acompanhar a psicológica, caracteriza-se pela presença de dois componentes: a tolerância e a abstinência, descritos pelo DSM-IV (2000, p. 172-173).

> Várias serão as tentativas individuais, de suporte leigo ou profissional, de deixar uma ou mais drogas. Dentre todas, uma opção que requer internamento em comunidade terapêutica, passa a ser apresentada.

COMUNIDADE TERAPÊUTICA

A Prefeitura Municipal de São Paulo (2006, p. 25) relaciona uma série de possibilidades de tratamento, agrupando-as em uma pirâmide. Nela encontram-se hospitais, ambulatórios, hospitais-dia, enfermarias e centros de internação, clínicas de tratamento e comunidades terapêuticas.

Segundo Leon (2003, p.14-21), o termo "comunidade terapêutica", doravante também denominada de CT, é um termo moderno, atribuindo-se sua origem a tratamentos psiquiátricos na Grã Bretanha no curso dos anos de 1940. Maxwell Jones (1953), um psiquiatra no Reino Unido, foi um dos pioneiros a utilizar o modelo de comunidade terapêutica psiquiátrica em torno de 15 anos antes das CTs surgirem como tal na

América do Norte. Trata-se de uma possibilidade de abordagem grupal do paciente. O modelo de Jones difundiu-se para outras partes da Europa. Nos Estados Unidos versões modificadas da CT psiquiátrica foram adaptadas para o tratamento de dependentes de SPAs.

Leon relata que nos anos de 1960 e 1970 proliferaram na Europa e América do Norte programas de tratamento que remetiam seu programa conceitual ao grupo de Oxford, na Inglaterra (1921). Este grupo foi fundado por Frank Buchman, ministro evangélico luterano, objetivando um renascimento espiritual dos cristãos não comprometidos com sua fé. Transtornos mentais e alcoolismo foram contemplados pelas preocupações do movimento, pois constituíam sinais de uma situação espiritual deteriorada. Segundo Leon, ibid., p. 18:

> [...] parte das ideias e práticas comumente sustentadas incluía a ética do trabalho, o cuidado mútuo, a orientação partilhada e os valores evangélicos da honestidade, da pureza, do altruísmo e do amor, o autoexame, o reconhecimento dos defeitos de caráter, a reparação por danos causados e o trabalho conjunto.

Tais elementos ajudam a compreender o componente espiritual religioso presente na maioria das CTs. A introdução de conceitos técnico-científicos advém, no Brasil, com a Resolução de Diretoria Colegiada – RDC 101, (2001, Anexo I, Item 2).

EQUIPE DE COLABORADORES E PROGRAMA DE TRATAMENTO

O transtorno da dependência química atinge o indivíduo na totalidade de seus aspectos de vida. A execução do programa terapêutico nas CTs é realizada por pessoas que articulam suas áreas de conhecimento com a realidade do dependente químico em tratamento com o objetivo de oferecer-lhe apoio e desenvolvimento bio-psico-sócio-espirituais. Por isso, são bem-vindos conhecimentos de diversas áreas, destacando-se: ciências da saúde, sociais, econômicas, direito, educação, administração, agricultura e teologia.
Leon, op.cit., p.165, refere-se ao corpo de funcionários como "uma combinação de profissionais tradicionais e não tradicionais que ocupam uma variedade de posições clínicas", ou seja, remunerados ou não remunerados, respectivamente. Podem incluir pessoas dependentes de SPAs que já concluíram o tratamento. Esta equipe de colaboradores em CT é objeto de análise no processo de ensino-aprendizagem abordado neste artigo na qualidade de mediadores.

O DEPENDENTE QUÍMICO INTERNADO EM COMUNIDADE TERAPÊUTICA

Possivelmente, qualquer dependente de SPAs apresente um perfil semelhante ao descrito neste artigo, sem necessariamente frequentar uma CT para tratar-se. Os aspectos que definem o perfil do dependente químico internado em CTs a seguir relacionados, são os de ordem psicológica.

Leon, op.cit., p.40, nomeia como "áreas e indicadores da manifestação concreta do transtorno": uma vida em crise, incapacidade de manter a abstinência, disfunção social e interpessoal e um estilo de vida antissocial. Como "características cognitivas típicas dos usuários abusivos em CTs" o mesmo autor, ibid., p.54, relaciona: carências de percepção, deficiência de julgamento, carência na identificação de relações, carências na compreensão da realidade [prova de realidade], capacidades pessoais.

Focando os dependentes de álcool, Rigoni et al. (2009, p. 740, apud CUNHA & NOVAES), citam o comprometimento cognitivo correspondente:

> O uso agudo do álcool tende a comprometer a capacidade de atenção, memória, funções

executivas e visoespaciais, enquanto o uso crônico altera a memória, a aprendizagem, a análise e síntese visoespacial, a velocidade psicomotora, funções executivas e tomada de decisões, podendo chegar a transtornos persistentes de memória e demência alcoólica.

A experiência no tratamento de dependentes de SPAs em CT permite acrescentar: comportamentos de impulsividade, intolerância, dificuldades em resolver problemas e antecipar consequências, deficiências de repertório verbal, egocentrismo e predominância do afetivo em detrimento ao racional. Talvez ‘‘comportamento disfuncional’’ resuma essas características.

Cumpre esclarecer que adictos ou portadores de necessidades especiais não apresentam déficits cognitivos de maneira exclusiva. Em geral, qualquer pessoa tem funções cognitivas mais desenvolvidas do que outras. Conforme as teorias de aprendizagem Construtivistas, em especial a Teoria de Aprendizagem Mediada de Reuven Feuerstein, o funcionamento mental de qualquer pessoa emerge das interações do indivíduo com o meio, podendo ser desenvolvido ao longo da vida, especialmente através de mediações qualitativas. Isto quer dizer que é possível aprender sempre, em qualquer época da vida, abrindo oportunidades de desenvolvimento para qualquer ser humano.

REUVEN FEUERSTEIN E A TEORIA DE APRENDIZAGEM MEDIADA

Reuven Feuerstein nasceu em Botosan, Romênia, no dia 21 de agosto de 1921. Meier e Garcia (2008, p.25-27), relatam de sua descendência judaica e residência em Israel desde 1944, ano em que se formou em Psicologia no "Onesco College" em Bucareste. Completou sua graduação em Psicologia Clínica e Geral sob orientação de Andre Rey e Jean Piaget, com quem trabalhou a partir de 1952. Sua biografia inclui a tese de doutorado em 1970 na área da Psicologia do Desenvolvimento; cargos de direção em escolas, institutos de psicologia, redação de artigos e livros, conferências internacionais, e presidência do "International Center for the Enhancement of Learning Potential - ICELP".

Sua proposta educacional surgiu a partir de observações, experiências vivenciais e reflexões no Serviço Psicológico do Departamento de Youth Aliya, "uma instituição dedicada à tarefa de receber e integrar as crianças judias que chegavam a Israel" (p.27), que presidiu até sua aposentadoria, em 1983. As crianças citadas apresentavam defasagens de três a seis anos em relação a um padrão de aprendizagem quanto a operações mentais da aritmética, abstração, simbolização, falta de curiosidade, de interação e exploração. Em Israel tornou-se necessária uma revisão de conceitos de aprendizagem, de avaliação e programas pedagógicos.

Fortemente influenciado por Piaget, Feuerstein contrariou conceitos estáticos e imutáveis de desenvolvimento humano como testes psicométricos, a psicanálise, e o comportamentismo (GOMES, 2002, p. 64-65). O fator de modificabilidade (p.66) constituiu-se essencial como contraproposta às concepções reinantes:

A Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural (TMCE), conforme indica o próprio nome, baseia-se na modificabilidade, na flexibilidade da estrutura cognitiva, e tem como um dos aportes conceituais centrais o pressuposto de que o ser humano é dotado de uma mente plástica, flexível, aberta a mudanças, assim como dotado de um potencial e de uma propensão natural para a aprendizagem.

Essa concepção traz esperança por investir no potencial humano em poder superar condições limitantes (que se constituem desafios especiais para

dependentes químicos em tratamento).
Surge, entre 1950 e 1963, o conceito de Experiência de Aprendizagem Mediada (EAM). Aqui é apropriada a conceituação da EAM por Feuerstein, citada por Gomes, ibid., p.80:

> A teoria de EAM – definida como a qualidade de interação entre o organismo e o meio – produz-se pela interposição de um ser humano iniciado e intencionado, que medeia o mundo e o organismo, criando no indivíduo a propensão ou tendência à mudança pela interação direta com os estímulos. A EAM é a única que produz a flexibilidade, a autoplasticidade na existência humana e, em última instância, oferece-lhe a opção de modificabilidade... (Feuerstein, 1997, p.15).

A EAM de Feuerstein, ao lado da aprendizagem direta do indivíduo em seu meio ambiente, distingue o papel decisivo do mediador no processo de ensino-aprendizagem, tornando-se uma modalidade diferenciada e complementar de aprendizado. Os aspectos básicos desta teoria incluem: a) o conceito de modificabilidade; b) a observação do potencial de aprendizagem na utilização de experiências prévias para o enfrentamento e/ou adaptação a situações novas; c) a diferenciação do conceito de modificabilidade em comparação com fases de desenvolvimento; d) conceito de modificabilidade segundo ato volitivo, imprevisível, pelo qual o indivíduo pode evoluir, tomando rumos totalmente diferentes de trajetórias pré-determinadas; e) não dispensa de aspectos afetivos, emocionais e motivacionais do comportamento humano nos processos de aprendizagem; (SASSON, 1998, p.177 – 179).

Todo ser humano é, pois, modificável. A modificabilidade de um indivíduo é consequência de sua capacidade de aprender. A EAM não prescinde da interação humana. Mas nem toda interação humana atende os aspectos da EAM formulada por Feuerstein. O resultado final desenvolve no indivíduo a capacidade de articular de forma autônoma suas interações com o meio em que vive, com maior eficiência intelectual. Reflexos da EAM também serão observados na autoimagem e autonomia.

O PARADIGMA HOLÍSTICO DE APRENDIZAGEM MEDIADA

Segundo Sasson (2001, p.21), los componentes del proceso holístico del aprendizaje mediado, os quais denomina de polos, são: ambiente (entorno); mediador; aprendiz (el alumno) e conteúdo (el contenido o los materiales). O mediador é responsável pela articulação desses quatro polos.

Ambiente

O ambiente pode favorecer ou não a aprendizagem mediada. Em uma CT, pode perpassar as intensas relações humanas que ocorrem como um todo, seja do ponto de vista clínico, laborativo, cultural, espiritual, profissional ou outra categoria. Por isso a CT não se reduz a um ambiente escolar.

Segundo Feuerstein, citado por Sasson e Macionk (2010), um ambiente favorável à aprendizagem é: a) dinâmico; b) flexível; c) individualizado; d) exigente; e) confiante; e f) valorizante.

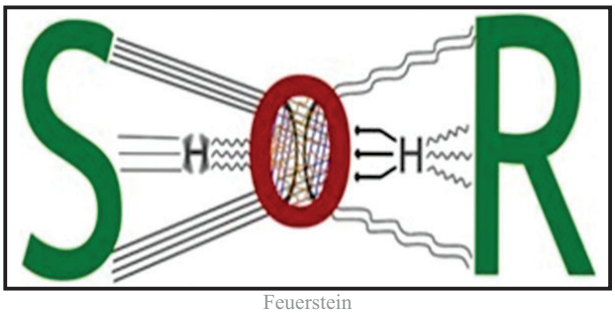
Mediador

Sasson (2009), apresenta requisitos necessários ao mediador que qualificam o ato de mediar: a) a necessidade de conhecer e refletir os vários Critérios da EAM (citados mais adiante neste artigo); b) o conhecimento das várias habilidades cognitivas, metacognitivas, afetivas e sociais que formam a base intelectual do aprendiz e que afetam o aprendizado; c) a auto percepção de papel transitório que desempenha na vida do aprendiz; d) a noção de que pais, cuidadores, educadores, terapeutas e outros profissionais também são mediadores no processo de aprendizagem mediada; e) a

conscientização de que seu papel no processo educativo é extremamente importante por ser ele o articulador de todos os polos do paradigma holístico de aprendizagem mediada.

O próprio mediador deve se modificar frente aos requisitos apresentados. Não basta um treinamento com respostas passageiras. Há que se conscientizar do papel permanente de mediar, vivendo-o nas atividades relacionais, enxergando e aproveitando oportunidades, sendo criativo. A motivação do mediador será
sentida pelo aprendiz e trará diferença entre valor transmitido e valor mediado, quanto a marca e impacto deixados pela EAM na vida do mediado.

Sasson (2001, p.58) e Gomes, op.cit., p. 80-81, reproduzem um esquema desenvolvido por Feuerstein para ilustrar a Experiência da Aprendizagem Mediada da seguinte maneira:



Feuerstein

A letra "H" representa necessariamente uma presença humana como mediador. A letra "S" representa os estímulos aos quais um indivíduo está exposto; a letra "O", representa esse indivíduo. Observe-se que existem estímulos que chegam ao indivíduo sem a mediação. Este esquema apresenta, pois, a existência de dois modos de aprendizagem: um pela exposição direta aos estímulos, e outro pela mediação humana. A letra "R" representa a resposta que o indivíduo dará após elaborar estímulos recebidos. As respostas também podem tornar-se objetos de mediação do mediador, em forma de feedback, após serem, por este, avaliadas. Ao colaborador em CT se abre a possibilidade de deixar-se provocar pelo conceito de mediador.

Aprendiz

O aprendiz é o alvo, objeto de todo investimento dispendido no ato de mediar. De acordo com Sasson, ibid., p.23, são três os conjuntos de pré-requisitos necessários do aprendiz: "1. Las habilidades psicomotrices; 2. Las funciones cognitivas; 3. Las habilidades afectivas y también los prerrequisitos sociales." No primeiro deles, o aprendiz pode ser portador de transtornos de ordem biológica, endógena, motora, para captar informações ou executar tarefas. No segundo, o aprendiz pode apresentar dificuldades nas funções de entrada, elaboração e/ ou respostas necessárias a um ato mental. Finalmente, nas habilidades afetivas e sociais, o aprendiz pode ter sua auto imagem afetada pelo modo de relacionar-se com os outros. Um ou mais desses aspectos podem ser responsáveis pelo bloqueio ao desenvolvimento do potencial de aprendizagem (SASSON, ibid., p.37). O aprendiz na CT, neste artigo, é o dependente químico internado.

Conteúdo

O conteúdo é uma ferramenta, um meio pelo qual se deseja transmitir uma ideia ao aprendiz, ou ajudá-lo a adquirir um valor ou um significado. Sasson, ibid., p.24, apresenta dois tipos de conteúdo: os pertencentes a determinada disciplina-ciência, ou conhecimento, geralmente relacionados em um plano de estudo, currículo escolar e, os livres de conteúdos de uma determinada área de conhecimento. Diz ele:

> Los otros materiales libres de contenido, como el de Feuerstein, representam una lección distinta. Estos programas tienen y han desarrollado, para lograr los mismos objetivos, una serie de actividades que no están diretamente relacionadas con temas especificos que se enseñan en cualquier otro contexto.

Para ilustrar referidos los otros materiales libres de contenido, Sasson, ibid., p.38 e Gomes, op.cit., p.191, apresentam o Programa de Enriquecimento Instrumental – PEI de Reuven Feuerstein. Os instrumentos formam uma série de exercícios preparados para despertar a motivação do aprendiz e mobilizam as funções cognitivas de input, elaboração e output, exercitando, assim, as funções cognitivas envolvidas na percepção, elaboração e formulação de respostas do indivíduo.

Contudo, materiais livres de conteúdo também podem ser encontrados em contextos de aprendizagem informal. Sasson e Macionk (2010) exemplifica o ambiente familiar, o contexto escolar, social e profissional, onde outros serão os mediadores, outras as experiências e relacionamentos, e outros materiais estarão disponíveis. Em uma CT podem

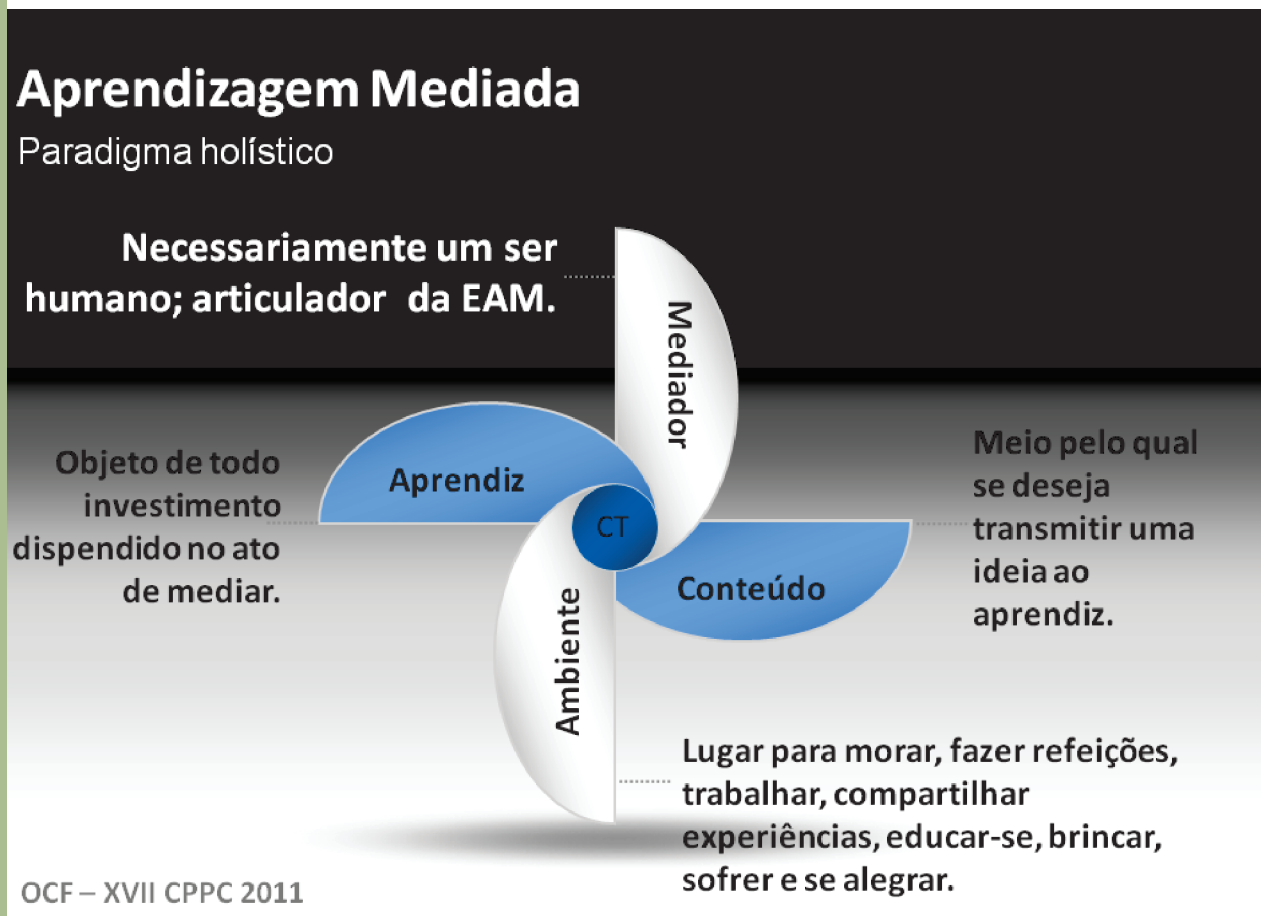


Figura 2 - Aprendizagem Mediada - Paradigma Holístico

ser citados os momentos de convívio, as regras, o ócio produtivo, atividades culturais, as palestras, as terapias individuais e de grupo, o lazer. Enfim, ocasiões e materiais disponíveis na CT tornam-se fortes aliados à EAM.

OS CRITÉRIOS DA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM MEDIADA – EAM

Mais uma vez: duas são as modalidades de aprendizagem: a exposição direta ao objeto e a interposição de um mediador entre o aprendiz e estímulos que desafiam a cognição deste último. Sasson (2001, p.59) diz que "Hay una complementariedad entre ambas modalidades e estilos". Por que razão? Este mesmo autor explica: a) a EAM ajuda

Figura 3 - Critérios da Experiência da Aprendizagem Mediada - EAM

a criar na estrutura mental uma zona mais sensível, receptiva e aberta ao aprendizado; b) a EAM pode compensar prejuízos que o aprendiz apresenta em sua história de desenvolvimento por razões etiológicas, biológicas ou ambientais; c) Nunca é demasiadamente tarde para aprender, tampouco nunca é tarde demais para mediar. Nesta concepção, o mediador não estabelece a priori quaisquer impedimentos à possibilidade do aprendiz em modificar-se.

Segundo Sasson e Macionk (2010), Reuven Feuerstein conceitualizou 12 critérios que orientam uma EAM, quais sejam:

Os três primeiros critérios: intencionalidade e reciprocidade; transcendência; e mediação de significado são imprescindíveis à ocorrência de uma EAM, explica Sasson (2001, p.59). Os outros nove critérios, embora tenham uma função estruturante e determinante na mediação - dependem mais de situações específicas e do contexto cultural.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, três conclusões apresentam-se em relação ao tratamento de dependentes químicos na modalidade de comunidade terapêutica: 1. A reunião em um só lugar dos quatro polos da visão holística de aprendizagem mediada; 2. A teoria da experiência de aprendizagem mediada – EAM de Reuven Feuerstein pode servir de suporte teórico às práticas de ensino-aprendizagem aplicadas no contexto clínico de tratamento de dependentes químicos em comunidade terapêutica; 3. Os critérios de aprendizagem mediada de Reuven Feuerstein podem servir de suporte pedagógico técnico e motivacional aos colaboradores no tratamento de dependentes químicos em

CT. A observação dos citados critérios trará repercussões na qualificação dos mediadores e efetividade do tratamento.

REFERÊNCIAS

ANVISA. Resolução – RDC n. 101 de 30/05/2001. Brasília, DF: D.O. de 31/05/2001.

CHRISTEN FILHO, O. Aprendizagem Mediada no Tratamento de Dependentes Quimicos em Comunidade Terapêutica. 2011, 41 f. Monografia (Pós-Graduação em Intervenção Cognitiva e Aprendizagem Mediada) - Instituto Superior de Educação Nossa Senhora de Sion e Centro de Desenvolvimento Cognitivo do Paraná, Curitiba.
DSM-IV. Transtornos Relacionados a Substâncias. Porto Alegre, 2000, p. 171-262, 845 p.

GOMES, C.M.A. Feuerstein e a Construção Mediada do Conhecimento. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p.35- 107, 298 p.Larajene

LEON, G.D. A Comunidade Terapêutica. Teoria, Modelo e Método. São Paulo: Edições Loyola, 2003. 479 p.

MEIER, M. GARCIA, S. Mediação da Aprendizagem. Contribuições de Feuerstein e de Vygotsky. Curitiba: Edição dos autores, 2008, 212 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Guia Prático sobre Uso, Abuso e Dependência de Substâncias Psicotrópicas para Educadores e Profissionais da Saúde. São Paulo: Secretaria de Participação e Parceria, 2006, 117 p.

RIGONI, M.S. et al. Prontidão para mudança e alterações das funções cognitivas em alcoolistas. Maringá: Psicologia em Estudo, 2009, vol.14, n.4, pp. 739-747. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid =S1413-73722009000400014>. Acesso em 04/11/2010.

SASSON, D. Del cambio estructural a la autoimagem positiva. In: MARTINEZ, J.M.; & GARBO, R. (Eds). ¿Es modificable la inteligencia? Madrid: Bruño, 1998.

_____. Los componentes del proceso holístico del aprendizaje mediado. In: Memorias del 10 Congreso Latinoamericano de Aprendizaje Mediado. Buenos Aires: Stella. 2001. 65 p.

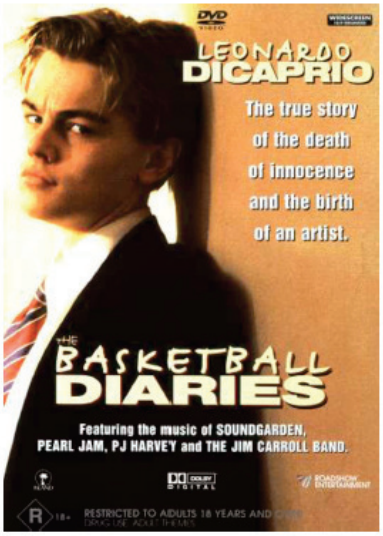
_____. La Mediación en los procesos de formación de niños y jóvenes. Revista Internacional Magisterio. Fascículo 40, 2009. Disponível em: <http://www.magisterio.com.co/web/index.php?option=com_content&view=article&id =544&catid=69&Itemid=63>. Acesso em 21/09/2010.

SASSON, D. e MACIONK, M. Programa de Enriquecimento Instrumental de Reuven Feuerstein. In: Apostila do Curso de Pós Graduação Lato Sensu em Intervenção Cognitiva e Aprendizagem Mediada. Centro de Desenvolvimento Cognitivo do Paraná e Instituto Superior de Educação Nossa Senhora de Sion. Turma 2009/2010. Curitiba, 2010.

DICA DE FILME...

"Diário de um adolescente"

Título Original: "The Basketball Diaries"



Resumo: Em Nova York, um jovem chamado Jim Carrol (Leonardo DiCaprio) é um promissor jogador de basquete, mas as pressões e angústias típicas da adolescência o levam a experimentar heroína. Dependente, é expulso do colégio e se une a um grupo de drogados descobrindo o inferno do submundo. E, para manter o seu vício, ele rouba e se prostitui.

Gênero: Drama
Tempo de Duração: 101 minutos
Ano de Lançamento (EUA): 1995
Estúdio: New Line Cinema / Island Pictures
Distribuição: New Line Cinema
Direção: Scott Kalvert
Roteiro: Bryan Goluboff, baseado em livro de Jim Carroll
Produção: Liz Heller e John Bard Manulis
Música: Graeme Revell
Direção de Fotografia: David Phillips
Elenco: Leonardo Dicaprio, Ernie Hudson, James Madio Mark Wahlberg, Patrick Macgaw, Bruno Kirby.

Fonte: www.adorocinema.com.br